

MOSAICO

Apoio Pastoral

Ano X

Número 01

Março/Abril de 1995

Aprendendo a pescar com Jesus

Bispo Adriel de Souza Maia

"Como nos tempos de Jesus, a multidão continua como ovelhas que não têm pastor, e outros tantos que estão morrendo sem Deus". Pág. 3.

Páscoa com as crianças

Nancy Cardoso Pereira

"Que tal então prestar mais atenção na Páscoa das crianças?... Celebrar ! Afirmar a vida que cresce do nada, do pouco, do dolorido, do ainda-não". Pág. 5.

O Carnaval, a Quaresma e a Igreja

Tércio Machado Siqueira

"A Igreja procurou ser zelosa para com a celebração da Quaresma, estimulando os crentes a um auto-exame à luz da vida e obra de Jesus". Pág. 7.

Morte de Cristo: casualidade ou opção?

José Carlos de Souza

"A cruz foi o preço pago pela coerência e autenticidade com que Ele encarnou os propósitos da Deus da Vida". Pág. 9.

Celebrando a Páscoa - Pessakh, Páscoa: do cativo para o reino da vida

José Carlos de Souza

"Celebramos juntos a nossa Ceia fraterna. Seja ela o símbolo e a expressão do nosso reencontro. Reencontro de homens e mulheres de boa-vontade, que acreditam na paz e na justiça, na vida e na liberdade, na verdade e no amor". Pág. 10.

Pelas suas pisaduras fomos sarados: a celebração da ressurreição e a oração pelos enfermos

Simei Monteiro

"Deus não promete que seremos poupados do sofrimento, mas promete estar conosco em nossos sofrimentos. Crendo nessa promessa, estaremos preparados e preparadas para reconhecer a presença e o sustento de Deus em meio à dor, doença, violência e marginalização". Pág. 12.



APRESENTAÇÃO

Páscoa: tempo-eixo

Nunca é demais salientar que a celebração da Páscoa é o momento mais significativo e central da vida cristã. Todo o calendário litúrgico cristão converge para esta celebração. Há quem diga, que tanto o povo de Deus no Antigo Testamento como a Igreja Cristã se orientam pelas lições aprendidas nas celebrações da Páscoa. O apóstolo Paulo sustentou esta opinião através de uma carta que escreveu à igreja em Corinto (ICo 15.14). Como Paulo, há dois mil anos atrás, queremos hoje sustentar a mesma opinião, priorizando, nesta edição do Mosaico, esta antiga, porém, sempre atual proclamação.

A Igreja Metodista vive um momento de apatia litúrgica. Fala-se muito em santidade bíblica, espiritualidade bíblica e wesleyana (sem dúvida, temas demasiadamente importantes!), porém, a igreja está inveredando-se por práticas litúrgicas, muitas vezes, estranhas ao testemunho do cristianismo histórico. Tais experiências são feitas em nome da eficácia e eficiência do poder da comunicação evangélica. Com isso, o critério para a escolha das prioridades do testemunho cristão deixam de ser a instrução bíblica, para ser a opinião pública, através dos institutos de pesquisas. O resultado disso é a exploração, cada vez maior, da propaganda comercial e do interesse no lucro que as festas cristãs podem proporcionar às empresas.

A Faculdade de Teologia, no exercício de sua missão, tem o dever de denunciar toda suspeita de desvio na prática teológica e apontar caminhos para a correção desse erro. Por isso, ela se mostra, muitas vezes, antipática e incômoda no exercício de sua vocação. Esta edição do Mosaico tem a função de orientar e estimular o ministério pastoral metodista na prática da liturgia sempre usada pela Igreja Cristã.

Cabe, à todas as instituições de ensino teológico da Igreja Metodista, o dever de instruir o povo para o testemunho cristão. O padrão básico de instrução é a Bíblia. O Concílio Geral da Igreja Metodista delegou estas responsabilidades às suas instituições teológicas. A competência e a autoridade para exercerem essa missão, entretanto, têm que ser conquistadas na pesquisa séria e na prática pastoral.

Tércio Machado Siqueira
(Coordenadoria Editorial)

EDIÇÕES DA FACULDADE

Publicações da EDITEO

Projeto Criança do Instituto de Pastoral

Coleção: Trabalhando com Crianças

- Jogos e brincadeiras para a paz. Bárbara Hüfner-Kemper e Maria Inés Simeone.
- Cadê a criança brasileira? Análise da Conjuntura - Violência. Benedito Rodrigues dos Santos e Thomas Kemper.
- A cidadania de crianças e adolescentes. Benedito Rodrigues dos Santos.
- Uma criança nos guará. Nancy Pereira Cardoso e Adriana Caram.
- Cadê a criança na história? Maria Inés Simeone e José Carlos de Souza.

Projeto Mulher do Instituto de Pastoral

Coleção: Contando a nossa história

- A caminhada da história das mulheres - Vol. IV
- Resgatando a beleza do corpo - Vol. V
- As mães indígenas e negras no Brasil contam a sua história - Vol. VI
- Conquistando os nossos direitos - Vol. VII

Estes quatro cadernos publicados pelo Projeto Mulher da Faculdade de Teologia estão à venda. Os anteriores estão esgotados.

Livros da Editeo

- Falando por nós mesmos. Igreja Africana Independente, um livro que fala da espiritualidade cristã do africano.
- Teologia Africana. Gabriel M. Setiloane. As preleções da Semana Wesleyana de 1990.
- Hegemonia Norte-Americana e Educação Protestante no Brasil. Peri Mesquida. Uma análise da implantação e prática educativa do metodismo de origem missionária norte-americana de 1870 a 1930, vista pelo autor como fenômeno educativo.
- Repensando a Evangelização Junto aos Povos Indígenas. Palestras de renomados educadores e missionários entre os índios, analisando os 500 anos de conquista imposta sobre os indígenas da América Latina.
- O que esta mulher está fazendo aqui? Da coleção "Em busca da tradição perdida". Refletindo sobre a importância da mulher na construção do novo mundo.

Expediente

Mosaico - Apoio Pastoral - órgão oficial de informação da Faculdade de Teologia e do Instituto de Filosofia e Teologia - Instituto Metodista de Ensino Superior. Reitor da Faculdade de Teologia: Rui de Souza Josgrilberg; Diretor Geral do IMS: Ronaldo Sathler Rosa; Editor: Coordenadoria Editorial da Faculdade de Teologia: Tércio Machado Siqueira, Paulo Roberto Garcia, Héleron Bastos Rodrigues, Vicente de Paulo Ferreira, Cláudio Verneque Guerson; Digitação: Daniela Fernandes S. Artigas; Revisão: Vicente de Paulo Ferreira; Arte: Moisés Coppe; Editoração Eletrônica: Editora IMS; Redação: Rua do Sacramento, 230 - Rudge Ramos - São Bernardo do Campo, SP. CEP: 09735-460. Fone: (011) 457-3733 ramal 1373 - Fax: (011) 455-4899. Tiragem desse número: 1.000 exemplares. Distribuição Gratuita. Ano X - Número 01 - Março/Abril de 1995.

SERMÃO

Aprendendo a pescar com Jesus

Saudação em nome do Colégio Episcopal:

Saúdo esta casa de ensino teológico, nossa Faculdade de Teologia, com a graça, a paz e a misericórdia do Senhor Jesus Cristo, desejando, na verdade, que o ano acadêmico de 1995, que ora se inicia, seja próspero em termos ministeriais e missionários, a fim de que esta casa de reflexão seja catalisadora da proposta de Vida e Missão da Igreja, na perspectiva de unir, consolidar e avançar, no contexto de uma Igreja: comunidade missionária a serviço do povo. Que o Deus que nos chama e nos vocaciona permaneça sobre a vida desta instituição. Saúdo a todos e todas: professores(as), reitoria, alunos(as), funcionários(as) e Conselho Diretor em nome da nossa Igreja Metodista.

Introdução à mensagem: O texto escolhido, Lc. 5.1-11, é conhecido, tradicionalmente, como a Pesca Maravilhosa, ou na versão da Bíblia de Jerusalém, Pedro e a Missão da Igreja. Seria interessante ressaltar que esta passagem bíblica percorre toda a caminhada missionária dos Evangelhos, enfocando, na verdade, a sua dimensão evangelizadora. Ou seja, seguir a Cristo Jesus envolve um profundo sentido de compromisso e este compromisso implica uma verdadeira felicidade ao Reino de Deus; em todos termos de obediência ao chamamento do Deus missionário, em Cristo Jesus. Como foi dito, a

experiência missionária deste texto envolve toda a globalidade do Evangelho, significando a sua importância e prioridade nas narrativas dos evangelistas. Cristo Jesus começa o seu ministério recrutando homens e mulheres para serem pescadores de vidas. Entretanto, no Evangelho de João, capítulo 21, também, esta narrativa é motivo de destaque, e ela está no contexto do aparecimento de Jesus Cristo junto ao Mar de Tiberíades, que ocorreu após a sua morte e ressurreição. E dentro deste conjunto um momento alto e altíssimo na vida do discípulo Pedro, quando ele é sacudido por Jesus em um interrogatório, se ele realmente estava colocando em prioridade o Reino de Deus. "Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?..." Portanto, o texto do início do ministério de Cristo Jesus é, novamente, recolocado no final do Seu ministério, apontando a necessidade de um permanente revigorar da fé em Cristo Jesus.

O texto, outrossim, coloca algumas imagens significativas:

1) Jesus viu "Barcos parados à margem do lago" Lc. 5.2a

Vivemos um momento atípico na caminhada histórica do mundo, as transformações são velozes, rápidas e rapidíssimas e, conseqüentemente, as transformações são, muitas vezes, geradoras de crises as mais amplas possíveis. O cenário mundial aponta para uma nova

ordem mundial, ou às vezes, uma desordem mundial. Há mudanças radicais de paradigmas. Isto significa um grande desafio sinalizando que é hora de refletir, é hora de transição. Do ponto de vista da Igreja, ela não está fora deste contexto. Dentro do âmbito da Igreja Metodista não tem sido fácil acompanhar o novo momento, especialmente no conjunto missionário de uma Igreja configurada em dons e ministérios. Não é hora de depor as redes, não é hora de ensarilhar as armas, mas sim, de sonhar, de ter visão do mover do Espírito na vida do mundo e da Igreja, é hora de rever o compromisso missionário, é hora de compromisso. Os barcos parados à margem do lago não podem ser avaliados como inatividade, mas sim, como um processo de avaliação, de abastecimento e revisão depois de uma longa caminhada, mesmo que ela seja, aparentemente, sinal de fracasso, como ocorreu com o resultado do trabalho realizado à noite inteira sem ter pescado um único peixe. Outrossim, é hora de ardor missionário, é hora de sonho, visão e esperança na perspectiva do Reino de Deus.

2) Jesus viu os discípulos lavando as redes - consertando as redes Lc. 5.2

Mesmo decepcionado com o resultado do dia, o pescador sonha com outro dia ou outra noite. Também, nós, enquanto Igreja, precisamos lavar as nossas redes. Isto im-

plica dizer que nós precisamos avaliar os nossos projetos, rever os nossos métodos, confrontar-nos conosco mesmos, introduzindo aquilo que o Plano de Vida e Missão da Igreja enfoca: "sarando as pessoas e as instituições, podendo delas o que não convém, por meio de seu juízo e graça..."

Isto implica em uma avaliação e uma reavaliação sistemáticas de nossa caminhada enquanto Igreja missionária comprometida com o Reino de Deus. Precisamos saber, com clareza, quais são os buracos da nossa rede que estão comprometendo a vida e testemunho da Igreja, e fazê-lo de forma mais corajosa e integradora. Também, dentro deste processo avaliativo, a Igreja precisa perguntar e responder quais são as tarefas prioritárias, tendo em vista a exigência evangélica metodista de um testemunho despreendido, sendo uma voz para aqueles(as) que não têm voz? Qual o papel da Igreja frente aos meios de comunicação social, semeando, quase sempre, um estilo de vida consumista, conseqüentemente, de valores éticos e morais que contrariam, frontalmente, os estabelecidos pelo ministério de Cristo Jesus na perspectiva do Reino de Deus? Precisamos avaliar a qualidade da nossa ação missionária em terras brasileiras em termos de um crescimento orgânico e missionário. Felizmente, o Colégio Episcopal da Igreja Metodista, neste início de ano, está fazendo uma convocatória nacional no sentido de que todos os segmentos missionários - igrejas locais, distritos eclesiais, regiões eclesiais, Igreja Nacional, através de seus órgãos e instituições - façam uma avaliação, através do desdobramento de conferências missionárias, com o objetivo de: "refletir em todos os níveis da Igreja a respeito da Missão, e

testificar o que tem sido feito como ação missionária, visando estabelecer um plano global para a Igreja..." Evidentemente, dentro deste conjunto está a Faculdade de Teologia que, também, precisa avaliar a sua caminhada em termos do seu papel decisivo e missionário no processo de formação pastoral e ministerial no contexto de uma Igreja missionária e, conseqüentemente, sendo um dos instrumentos importantes e importantíssimos no ministério docente da Igreja Metodista.

3) Lançai as redes em águas profundas... Lc. 5,4 - uma terceira imagem significativa.

Lançar as redes em águas profundas implica dizer, na linguagem do Plano de Vida e Missão: a) Há necessidade de estar em comunhão com Deus, ouvir e atender a sua voz e de se fortalecer no poder de Deus; b) há necessidade de conhecer a Igreja, especialmente, a igreja local, descobrir suas possibilidades e seus dons e valorizar seus ministérios, para alcançar a participação total do povo na missão de Deus. c) Há necessidade de conhecer o bairro, a cidade, o campo, o país, o continente, o mundo e os acontecimentos que os envolvem, por que e como ocorrem e suas conseqüências. Isto inclui conhecer a maneira como as pessoas vivem e se organizam, são governadas e participam politicamente, e como isto pode ajudar ou atrapalhar a manifestação da vida abundante... "Neste sentido, este desafio de lançar, novamente, as redes para outras águas, implica: 1) lutar contra todo o imediatismo pastoral e ministerial que nos oferece alegria fugaz dos resultados rápidos e superficiais; 2) analisar os acontecimentos e os sinais dos tempos com sabedoria e discerni-

mento; 3) lutar, corajosamente, contra todas as forças provocadoras do individualismo, sobretudo a partir de uma proposta evangélica sem cruz, sem lutas e sem compromisso; 4) lutar contra a falta de conexionalidade presente em muitos setores da vida e missão da Igreja e, sobretudo, reforçadora de um congregacionalismo que descharacteriza a identidade original no modo de articular a fé do povo chamado metodista; 5) e lançar as redes em águas profundas leva em conta uma espiritualidade aglutinadora da verticalidade e horizontalidade da fé cristã que envolve, conforme desafios dos Bispos da Igreja Metodista, em: "uma espiritualidade que seja fé em ação." Aqueles que dizem "andar no espírito" devem mostrar, na prática, os frutos do Espírito, e os que buscam um evangelho libertador devem viver, pessoal e comunitariamente, a mística da experiência do Espírito; 6) "...o lançar as redes em águas profundas é trabalhar a sério a questão da unidade interna da Igreja; na verdade, condição indispensável para um testemunho corajoso da fé evangélica numa sociedade tão fragmentada. Lamentavelmente, por falta de uma visão mais ampla da natureza missionária da unidade, cada dia a igreja evangélica brasileira torna-se mais denominacionalista, dividida entre co-irmãs; embala-se nos braços do proselitismo, correndo atrás do triunfalismo e do sucesso a qualquer preço, manifestando muito maior preocupação consigo mesma do que, propriamente, com sua razão de ser, como vanguarda e província de Deus na comunidade secular. Sem dúvida, há honrosas exceções. Na verdade, esta unidade oriunda do evangelho de Cristo Jesus tem preço, tem rosto, tem sangue e tem, sobretudo, a garantia do Reino de Deus: "a fim de

que todos sejam um, como Tu, Pai, está em mim e eu em ti; que eles estejam em nós para que o mundo creia que tu me enviastes..." João 17.21a. 7) Necessitamos, enquanto Igreja, lançar as nossas redes, objetivando a restauração da dignidade humana que passa pela criança, jovem, adulto, idoso e, especialmente, os excluídos da nossa sociedade. 8) Finalmente, é mister que lancemos as nossas redes em águas profundas, especialmente, no contexto do chamamento pastoral e ministerial. "Este chamamento deve ser revitalizado com a mística vocacional de um chamado ao serviço e à doação a Deus e ao povo..." Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus... por intermédio de quem viemos a receber a graça e apostolado por amor de seu nome, para a obediência, por fé, entre todos os gentios..." Rm. 1.1 e 5 (Palavra dos Bispos da Igreja Metodista).

4) Não tenhas medo - quarta imagem.

Cristo Jesus disse a Simão: "Não tenhas medo". Na verdade, vivemos numa sociedade medrosa. O medo ronda em todos os segmentos da vida da comunidade. Não estamos sós nessa travessia no mar da vida. Esta promessa da presença de Deus: "Não tenhas medo", percorre todas as páginas da Bíblia, apontando a certeza que Deus conduz a história, e Ele está conosco. Neste ponto, o Plano da Vida e Missão da Igreja ressalta: "Nosso trabalho tem sua raiz e força na confiança de que Deus está conosco, vai à frente e é a garantia da concretização do Reino de Deus no presente e no porvir. Ainda que as forças do mal e da morte lutem para dominar o nosso mundo, nossa esperança reside naquele que as venceu, Cristo Jesus, que tornou real a ressurreição e a vida eterna. A vitória da vida já pode ser perce-

bida na luta que travamos contra as forças da morte, pois já temos os primeiros frutos do Reino (primícias) que nos nutrem e nos levam a perseverar na caminhada, orando "Venha o Teu Reino".

Conclusão: A quinta imagem - "a multidão se comprimia ao redor dele para ouvir a palavra de Deus..." Lc. 5.1. Na realidade, este início do episódio A Pesca Maravilhosa é a conclusão da mensagem. Como nos tempos de Jesus, a multidão continua "como ovelhas que não têm pastor", e outras tantas que estão morrendo sem Deus. Viver a nova vida em Cristo Jesus, sendo pescadores de pessoas, implica num compromisso com o outro. Deus nos ajuda a caminhar, a fim de que sejamos: Igreja - Comunidade Missionária a Serviço do Povo.

Adriel de Souza Maia, Bispo
Presidente do Colégio Episcopal

TEOLOGIA BÍBLICA

PÁSCOA COM AS CRIANÇAS

*A sensação de tocar
com os dedos
O que não tem realidade
Uma pequena borboleta!*

Buson

Queremos que as crianças participem conosco da Páscoa...afinal, é a

nossa festa de celebração da vida! Nosso memorial de libertação e da presença de Deus em nosso meio.

Geralmente, em torno da Páscoa, as comunidades locais organizam série de conferências, cultos especiais, cantatas que trabalham paixão-morte-ressurreição de Jesus.

Quem trabalha com criança sabe que todas estas questões são complicadas e difíceis de tratar. Quase sempre acabamos resolvendo a dificuldade

com uso de simbologia simples e concreta: ovo, semente, borboleta, sol...

Mas nem nos damos conta da contradição que estabelecemos na vivência da comunidade e na socialização da fé das crianças. Enquanto as atividades, pregações, cantos e representações simbólicas dos adultos se referem a dor e sacrifício que se resolvem na ressurreição como resposta triunfal de Deus, que exalta Jesus como Cristo...a sala das crianças está repleta de cores,

ovos, chocolates, sementes e flores, pintinhos e borboletas, doces e alegres canções de vida...tudo iluminado por um lindo sol: redondo! amarelo! feliz!

Esta contradição denuncia duas maneiras de compreensão e vivência da Páscoa. A Páscoa dos adultos vem sendo marcada por uma teologia bem definida, com questões doutrinárias estabelecidas e esteticamente rudimentar. A Páscoa das crianças recebe maior influência do mundo da escola, da TV, da cultura, dos costumes familiares.

É que esta teologia que sustenta a Páscoa dos adultos não tem encontrado meios de comunicação e vivência. Sacrifício e dor fazem parte do mundo das crianças. Muitas delas sabem o que é isso...o que é diferente é o jeito de elaborar a perda e o fracasso a partir de sua estrutura emocional em desenvolvimento.

Nos damos conta de que o modelo de morte sacrificial e ressurreição triunfalista não responde às perguntas que elas nos fazem sobre morte, separação, injustiça. Apresentar a cruz, o sofrimento de Jesus, sua humilhação e morte como vontade de Deus para nossa salvação reforça a idéia do sofrimento como dimensão necessária e expiatória da vida. Quem trabalha e convive cotidianamente com as crianças sabe e se dá conta que este modelo não pode ser apresentado pra elas que ainda não estabeleceram mecanismos expiatórios e compensatórios tão sofisticados como os dos adultos. Apresentar a ressurreição como resolução fantástica e triunfal que não se concretiza na vida do dia-a-dia das famílias e comunidades obriga a criação de desvios (papai morreu mas está com Deus, vovó foi pro céu, sua amiguinha agora é um anjinho) que fazem da fé na ressurreição um ornamento obsoleto e de uso esporádico nos domingos de Páscoa.

De certo modo as pessoas que trabalham com as crianças nas Igrejas se deram conta dessa inadequação. É quase uma outra teologia que foi adaptan-

do elementos pré-cristãos, alternativas simbólicas das culturas e que se mostram muito mais adequadas para uma vivência e socialização sobre morte, sofrimento e vida.

O uso da imagem da semente que, escondida na terra escura vai estendendo raiz, projetando brotos e se fazendo planta que vem sendo usada como símbolo de morte e ressurreição, não precisa do elemento sacrificial nem expiatório. A simbólica da semente é de crescimento, de processo. O tempo necessário na terra não é avaliado de modo negativo, mas como parte do processo de crescer, de fazer vida acontecer, de germinar. Não é uma alternativa para se dizer da vida de Jesus? Não significa de modo nenhum negar os elementos de dor, traição e sofrimento. A morte de Jesus está inserida num contexto de pobreza, exploração e marginalização. Do mesmo modo a Páscoa dos judeus - que é também nossa Páscoa - vem de um contexto de opressão. O desafio aqui seria o de superar o esquema sacrificial-triunfalista. A morte de Jesus é resultado de suas opções de vida!

O mesmo poderia ser dito da imagem do ovo e do pintinho, do casulo e da borboleta, do nascer do sol e outras. A vida está dentro da vida. Existe um processo. Tempo. Possibilidades. Surpresa! Uma borboleta é sempre única e a mesma. O nascer do sol é sempre o mesmo e totalmente diferente!

Os Evangelhos também trabalham com estas imagens: os dois discípulos no caminho pra Emaús, a surpresa de Maria Madalena no encontro com o desconhecido no jardim, a pesca e a partilha do pão. Imagens de processos. Surpresa.

Não que estas imagens expliquem a morte e a ressurreição. Esta é a chave! A simbólica que usamos com as crianças na Páscoa celebram...não explicam! São coisas da vida, da natureza, do dia-a-dia, das relações...e é aí que vamos encontrar a presença reno-

vadora e libertadora de Deus.

Que tal então prestar mais atenção na Páscoa das crianças? Um olhar curioso...se deixar tocar por estas pequenas gravuras, sem querer entender/explicar. Celebrar! Afirmar a vida que cresce do nada, do pouco, do dolorido, do ainda-não.

Que tal convidar toda a comunidade a vivenciar também assim a Páscoa? O que queremos é continuar aprendendo com as crianças e partilhando com elas da nossa alegria pela vida que Deus nos dá, enquanto vamos lutando contra todos os mecanismos que não deixam a vida ser vida.

ALGUNS RECURSOS PARA LITURGIA

ORAÇÃO MATUTINA

Cada manhã é nova em teu amor, ó Grande Deus de luz; ao longo do todo o dia tu realizas o bem para todo o mundo; provoca em nós o desejo de servir-te, a fim de que vivamos em paz com nosso próximo e dediquemos cada dia de nossa vida a seguir e servir a teu Filho, nosso Salvador, Jesus Cristo o Senhor. Amém.

(Festejamos juntos ao Senhor Buenos Aires, 1989)
Bênção

Que Deus Todo Poderoso te abençoe;
que as bênçãos do céu
e as das profundezas da terra,
as bênçãos dos seios e dos ventos,
a bênção dos grãos e das flores,
as bênçãos das eternas montanhas,
riqueza das colinas sempiternas
sejam contigo e te acompanhem;
em nome do Pai, do Filho e do
Espírito Santo, Amém.

(CMI, 1991)

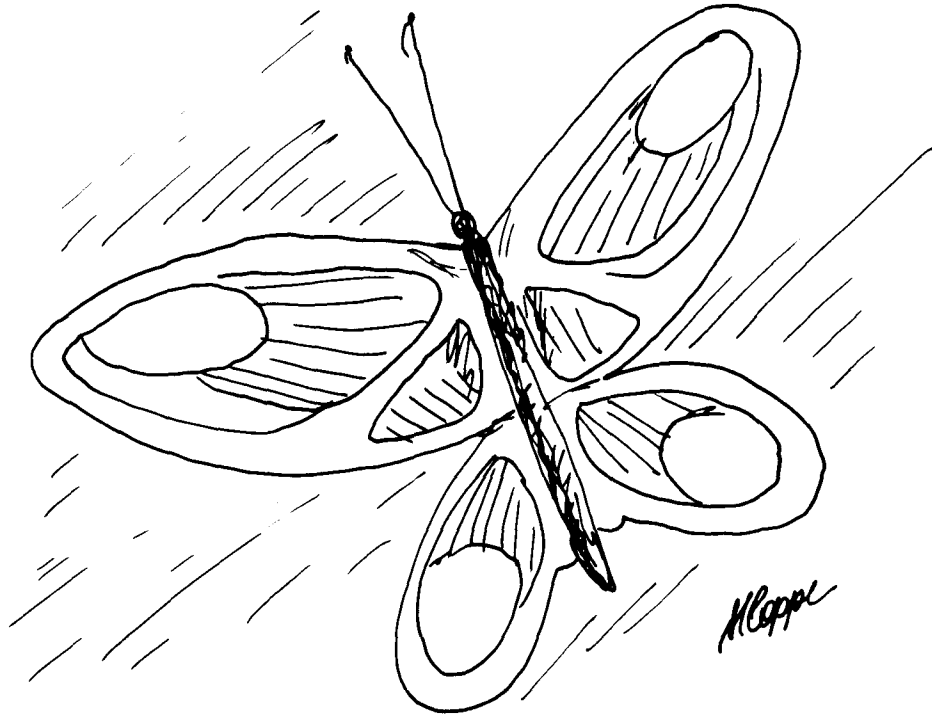
Vôo de Deus

Borboleta pequenina
arco-íris escondido
no casulo adormecido

Quem me dera
ver nascer
suas asas
borboleta
pra nunca mais esquecer

Que há vida
dentro da vida
a vida toda
pra sempre amém!

Que Deus
está na vida
a vida toda
pra sempre amém



Nancy Cardoso Pereira

HISTÓRIA DA LITURGIA

O CARNAVAL, A QUARESMA E A IGREJA



Muitas pessoas, nas igrejas, levantam a mesma questão: "qual é a origem do carnaval"? É uma questão difícil e complexa para se tratar. Contudo, uma boa parte das pistas para se chegar a uma resposta satisfatória indica que devemos pesquisar, primeiramente, o calendário litúrgico cristão.

Através dos séculos, a Igreja Cristã organizou e definiu o seu calendário a partir dos principais eventos mais significativos registrados na história bíblica, a saber: Epifania (manifestação divina no batismo de Jesus); Quaresma (tempo da tentação de Jesus no deserto); Páscoa-Ressurreição (celebração da vitória sobre a morte); Pentecostes (comemoração do dia

do nascimento da Igreja - a descida do Espírito Santo); Primícias do Reino (proclamação de que o Reino de Deus se manifesta na pessoa e obra de Jesus Cristo); e, por fim, o Advento (celebração do nascimento de Jesus, o Cristo).

Pela descrição acima, o Carnaval estaria, então, relacionado à celebração da Quaresma. Afinal, o que tem a ver o Carnaval com o calendário cristão e, particularmente, com a Quaresma? Eis a grande questão! Esta relação fica clara quando percebemos dois princípios básicos: (a) o Carnaval precede, necessariamente, ao período da celebração da Quaresma; (b) a extravagante festa do Carnaval não pode invadir e perturbar o

recolhimento e o jejum exigidos na celebração da Quaresma. Enquanto o Carnaval se caracteriza pela alegria exagerada, a permissividade e a desinibição no desfrutar dos prazeres que a vida oferece, a Quaresma significa o tempo do exame espiritual, de abstinências e da total negação aos prazeres da carne.

É sabido que o período de celebração da Quaresma tem sua origem nos 40 dias que Jesus passou no deserto (Mt 4.1-11), bem como Sua paixão e morte expiatória na cruz. De posse desse motivo bíblico, a Igreja Católica, especialmente na Idade Média, exagerou nas exigências, proibindo, aos seus crentes, comer certos tipos de carne, exigindo completa abstinência sexual e vetando a participação em qualquer tipo de festa. Todas estas exigências tinham como objetivo controlar a consciência e a vida religiosa das pessoas. Com isso, a Quaresma transformou-se num período de tristeza.

Hipóteses sobre a origem do Carnaval

Encontramos várias hipóteses sobre a origem da celebração do Carnaval. É interessante perceber que todas elas sugerem uma ligação bastante estreita com a religião. Vamos a elas:

Primeiro, a Festa do Purim. Esta é uma celebração pertencente ao Judaísmo. Há, pelo menos, dois motivos que levam alguns estudiosos a estabelecerem esta ligação com a origem do Carnaval: (a) as datas das duas festas coincidem-se; (b) ambas as festas são caracterizadas pela alegria. Entretanto, são poucas as possibilidades que essa ligação seja verdadeira.

Segundo, a festa de despedida da alegria. Segundo alguns historiadores, o Carnaval teve origem entre as pessoas que sentindo-se obrigadas a cumprirem as duras exigências impostas pela Igreja Católica, começaram a organizar festas e banquetes para os três últimos dias que antecediam o início da Quaresma. Nessas festas, o povo festeiro dizia adeus à carne, entregando-se completamente à orgia. Nesses três dias, dizia o povo: aproveitem, pois "carne vale"! (expressão latina que significa "carne, adeus". Esta alusão indicava que o povo deveria aproveitar todos os prazeres possíveis que a vida lhe oferecia, nos dias que antecediam a chegada do tempo de jejum, abstinência, recolhimento etc.

Terceiro, desfile de alegorias, retratando o lado negativo da vida. Os pesquisadores encontram na história da Igreja, na Idade Média, desfiles alegóricos, conduzidos por carros, retratando os sete pecados capitais da humanidade: lascívia, gula, mentira etc. Com isso, os organizadores, incluindo a Igreja, queriam mostrar, numa forma didática, o lado negativo do pecado e, com isso, incentivando os católicos à obediência aos princípios da Igreja.

Esta última hipótese está mais próxima da verdade sobre a origem do carnaval. Alguns argumentos substanciam esta interpretação: (1) o período que essas procissões aconteciam era a Quaresma; (2) as alegorias conduzidas nessas procissões, ainda hoje, permanecem como símbolos do carnaval, bem como de outras festas pagãs. Como exemplo, citamos a figura de um homem gordo, simbolizando a gula. O carnaval mo-

derno retém esta tradição, elegendo o Rei Momo, uma pessoa gorda e do sexo masculino; (3) no Brasil dos tempos coloniais, a Igreja Católica organizava procissões monumentais, durante a Quaresma e a Semana Santa, onde era vedada a participação dos escravos e escravas. Provavelmente, o estilo das procissões européias era mantido. Entretanto, os escravos e as escravas organizavam um acompanhamento, à parte, no final dessas procissões, mostrando suas danças, capoeiras e outros costumes africanos. É possível ver sinais desses costumes, ainda hoje, nos desfiles carnavalescos das escolas de samba.

Diante do que foi exposto acima, podemos concluir dizendo: as razões encontradas nas duas últimas hipóteses merecem respeito e apontam para um detalhe pouco lembrado. A Igreja procurou ser zelosa para com a celebração da Quaresma, estimulando os crentes a um auto-exame à luz da vida e obra de Jesus (conferir as sugestões dos textos bíblicos: Mq 6.6-8 e Mc12.28-34; Is 58.6-12 e Mt 4.1-11; Rm 12.1-5 e Lc 10.38-42; Hb 9.11-15 e Mc 10.32-45; Fp 2.5-11 e Mc 11.1-11). Nesse propósito, não podemos negar que a intenção da Igreja foi, acima de tudo, didática - dramatizando o lado ruim do prazer para incentivar os crentes às práticas religiosas. Entretanto, essas procissões com alegorias desencadearam uma tradição de festa totalmente desvinculada da intenção original da Igreja Católica. Foi mais uma boa intenção que se perdeu nos caminhos da vida? Aqui poderíamos aplicar o ditado popular: "o tiro saiu pela culatra".

Tércio Machado Siqueira

TEOLOGIA

MORTE DE CRISTO: CASUALIDADE OU OPÇÃO?

Um homem morre em meio a dores, torturas e suplícios. Recebe a punição reservada a escravos e rebeldes. À medida se justifica: sobre o céu pesam acusações da maior gravidade. "É BLASFEMO!" - denunciam os religiosos. Quis se passar por "Filho de Deus". Arrogou para si uma dignidade que criatura alguma pode reivindicar sem cair em heresia. Ao menos, essa foi a conclusão do processo movida contra Jesus perante o sumo-sacerdote. Estava dado o passo decisivo para a concretização do plano que fora ardiloso e demoradamente arquitetado já há muito tempo.

Os seus adversários conduzem-no, então, ao procurador romano, transpondo habilmente acusações de ordem religiosa para a esfera política. Aponta-no, dedo em riste, com desprezo: "é subversivo!" Não se ouve mais falar em blasfêmia. Nenhuma palavra! é preciso convencer a autoridade imperial da periculosidade daquele humilde pregador. Uma tríplice acusação é formulada: "Encontramos esse homem (1) pervertendo a nossa nação, (2) vedando pagar tributo a César e (3) afirmando ser ele o Messias, Rei (Lc 23.2). Pilatos, no entanto, não cede facilmente e leva os líderes do povo ao quase-desespero: "Ele alvoroça o povo, ensinando por toda a Judéia, desde a Galiléia, onde começou, até aqui" (Lc 23.5). O clima fica tenso e se prolonga até o desfecho final, quando Jesus é entregue para ser crucificado.

Reconhecemos hoje a maldade e a injustiça, a intriga e a falsidade, deste processo. Contudo, não podemos ocultar que havia motivos de sobra para que Jesus fosse condenado. Considere-se, em primeiro lugar, que suas críticas contra os chefes reli-

giosos de Jerusalém foram excessivamente duras, além mesmo do que recomendaria a "sábria prudência". De fato, Jesus não hesitou em censurá-lhes a falsa piedade, demonstrando que, por detrás de tamanha devoção e religiosidade, aninhavam-se interesses egoístas e desumanos:

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que devorais as casas das viúvas e, para o justificar, fazei orações...sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora se mostram bellos, mas interiormente estão cheios de ossos demortos e de toda imundícia...Guias cegos! que coais o mosquito e engolis o camelo..." (Cf. Mt 23.13-36)

Conheço pessoas, na história passada e recente, que, por bem menos, foram conduzidas às prisões e brutalmente assassinadas!

Mas Jesus não parou aí. A Herodes, governador da Galiléia, não vacilou em qualificar de "raposa" (Lc 13.32) e aos soberanos em geral se referiu com extrema ironia (Lc 22.25). Ademais, não apenas as personalidades individualmente, mas o próprio sistema religioso e social foi objeto das denúncias proféticas de Jesus. Instituições sagradas e antigas, uma a uma, ruíram ante a palavra do sábio rabi de Nazaré: o sábado (Mc 2.23-28); a tradição dos anciãos (Mc 7.1-13), o templo (Mt 12.6; 24.1-2), a Lei (Mt 5.20-48). Nada de obediência cega a preceitos e normas, nem respeito sacrossanto à ordem e à lei, mas fidelidade ao Deus da Vida, à Justiça e ao próximo. Eis o que realmente importava!

E o mais grave - isso, definitivamente, os maiores do povo não podiam suportar - era a atenção que Jesus dispensava aos desprezados e

excluídos da vida social. Doentes, pobres, mulheres, crianças, estrangeiros, coletores de impostos e prostitutas, todos encontravam em Jesus o alento de uma nova esperança. Na conflitiva sociedade palestinese, o maior dos profetas sentia-se motivado a expressar a terna misericórdia de Deus para com os humilhados:

"Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos pequeninos" (Mt 11.25).

Por outro lado, ousava verbalizar o severo juízo de Deus para os impenitentes e orgulhosos:

"Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no Reino de Deus" (Mt 21.31) "Mas ai de vós, os ricos, porque tendes a vossa consolação" (Lc 6.24)

Diante de tais evidências, pode-se concluir que a morte de Jesus não foi acidental, isto é, o resultado de um momento crítico, tenso, nervoso, porém, isolado. Antes o contrário, ela situa-se em perfeita continuidade com sua vida. O modo de Jesus viver levou-O à morte. "Tendo amado os seus...amou-os até o fim" (Jo 13.1). A cruz foi o preço pago pela coerência e autenticidade com que ele encarnou os propósitos do Deus da Vida. Esta, entretanto, não é a palavra final na história do cristianismo. Pela ressurreição, a fé anuncia que Deus aprovou o modo-de-vida de Jesus e convida todas as pessoas a imitá-lo, a despeito da oposição, da dor e da morte. O sentido mais profundo da celebração da Páscoa encontra-se nesse seguimento!

José Carlos de Souza

LITURGIA

CELEBRANDO A PÁSCOA

PESSAKH, PÁSCOA; DO CATIVEIRO PARA O REINO DA VIDA

1. Prelúdio (O povo se prepara para a grande festa)

2. Saudação Inicial

Dir.: Amados irmãos e irmãs, nós nos reunimos hoje para celebrar os grandes gestos de Deus a favor do seu povo e encher o nosso coração de esperança, pois Aquele que libertou Israel do cativeiro e ressuscitou a Jesus dentre os mortos está atento aos nossos clamores. Não fiquemos indiferentes! Que a alegria seja completa, pois mesmo "em meio à fome e à guerra,

Todos: celebremos a promessa de satisfação e paz.

Dir.: Em meio à opressão e à tirania,

Todos: celebramos a promessa de serviço e liberdade.

Dir.: Em meio à dúvida e ao desespero,

Todos: celebramos a promessa de fé e esperança.

Dir.: Em meio ao medo e à traição,

Todos: celebramos a promessa de alegria e lealdade.

Dir.: Em meio ao ódio e à morte,

Todos: celebramos a promessa de amor e vida.

Dir.: Em meio ao pecado e à ruína,

Todos: celebramos a promessa de salvação e renovação.

Dir.: Em meio à morte por todo o lado,

Todos: celebramos a promessa do Cristo vivo."

3. Cântico: Canção da Chega-

da (1)

4. Leitura Bíblica: Deuteronômio 11. 26-28, 32

Crianças: Quais são estes mandamentos, estes estatutos e juízos, que o Senhor nosso Deus ordenou que seguíssemos?

Leitura Bíblica: Deuteronômio 10. 12-21

5. Cântico: Xote da Vitória (2)

6. MEMORIAL DA PÁSCOA:

Dir.: "Recorda os dias que se foram, repassa gerações e gerações... Pergunta ao teu pai e ele contará, interroga os anciãos e eles te dirão" (Dt 32.7).

Pais: "O que nós ouvimos e conhecemos, o que nos contaram nossos pais, não o esconderemos dos nossos filhos, mas falaremos aos nossos descendentes a respeito dos louvores do Senhor, dos seus feitos poderosos e das maravilhas que fez." (Salmos 78. 3-4)

Filhos e Filhas: Que rito é este? (Ex 12. 26) Por que hoje é um dia diferente? Por que fazemos esta celebração? Por que provamos estes alimentos?

Dir.: Estou muito emocionado com suas perguntas, pois é justamente a história da Páscoa que desejo compartilhar com vocês. Realmente o dia de hoje é diferente de todos os outros porque o que nós celebramos é a saída de Israel, a passagem da escravidão para a liberdade, de um tempo de dificuldades para um tempo de bênçãos.

Aqui está um pouco de ervas

amargas. Em hebraico são chamadas maror

Todos: Porque comemos estas ervas?

Mães: Elas são comidas como um lembrete da vida de Israel no Egito, que seus opressores tornaram amarga. As Escrituras explicam: "Os egípcios obrigavam os filhos de Israel ao trabalho, e tornavam-lhes amarga a vida com duros trabalhos: a preparação da argila, a fabricação de tijolos, vários trabalhos nos campos, e toda a espécie de trabalhos aos quais os obrigavam" (Exodo 1. 13-14).

(O povo experimenta o gosto do almeirão)

Todos: Em nossos dias, também não faltam amarguras e asperezas. Nem sempre o trabalhador é justamente recompensado e o suor de seu rosto transformado em pão que sacia a sua fome. As ervas amargas nos lembram sempre que as dificuldades de hoje devem ser transformadas em pedras de construção para o dia de amanhã. Em nossas lutas não podemos esquecer as lembranças do passado.

Dir.: Aqui estão bolachas que representam o pão ázimo, em hebraico chamado matzá.

Todos: Porque experimentamos estas bolachas?

Avós: É um lembrete da pressa com que os hebreus deixaram o Egito. Eles foram forçados a fugir de repente e não tiveram tempo de assar seu pão. Eles não poderiam esperar o fermento crescer; e, as-

sim, o sol batendo na massa enquanto eles corriam, cozinhou-a, transformando-a num pão achatado, sem fermento algum (Cf. Ex 12. 39).

(O povo experimenta o gosto da bolacha)

Todos: Hoje podemos reviver este episódio como um sinal da nossa prontidão em caminhar na direção do Reino da fraternidade e do amor, lutando contra todas as forças que impedem o renascer da vida.

Cântico: O povo de Israel marchava (Marchinha) (3)

Dir.: Aqui estão alguns ovos cozidos. Em hebraico, chama-se bevtza.

Todos: Porque provamos esse alimento?

Leitor: O ovo é um símbolo da resistência do povo de Deus. Assim como o ovo que, ao contrário dos outros alimentos, ao ser cozido, se solidifica, o povo de Deus, em tempos de crise e perseguição, se fortalece na esperança solidária.

(O povo experimenta o gosto do ovo)

Todos: Lembramos agora de todas as pessoas que não dobraram os joelhos diante da tirania e violência e que, à semelhança de Cristo, foram perseguidas por causa da justiça. Cantamos a força do povo que não se submete às pressões dos poderosos e constrói a paz.

Dir.: Aqui estão pedaços de maçã que, na liturgia da Páscoa judaica, encontram-se misturados com canela, castanhas e vinho, num composto que se chama haroset.

Todos: Porque saboreamos essa fruta?

Leitora: A fruta doce é um lembrete da boa terra que Deus prome-

teu dar a nossos pais. É um sinal de abundância e de igualdade, de bênção e de partilha. Como está escrito: "Não sobejava ao que colhera muito, nem faltava ao que colhera pouco" (Ex 6.18; II Co 8.15).

(O povo experimenta o gosto bom da fruta)

Todos: Nesse momento, Senhor, expressamos o nosso grito de angústia. Provamos a doçura das tuas promessas, mas lamentamos a miséria de milhões ao lado da riqueza de uns poucos. Que a nossa gula e egoísmo se transformem! Que a nossa sede seja vida-para-todos numa terra de paz!

Cântico: Bênção da Mesa (4)

Todos: O que é isso que ainda temos na mesa?

Dir.: Evang. de Lucas 22.7-23

Memorial da Páscoa do Senhor
Celebração da Ceia do Senhor

Cântico: Amém (5)

7. Litânia Final

Dir: Celebramos juntos a nossa Ceia fraterna. Seja ela o símbolo e a expressão do nosso reencontro. Reencontro de homens e mulheres de boa-vontade, que acreditam na paz e na justiça, na vida e na liberdade, na verdade e no amor.

Todos: A tradição do passado há de ser o elo de união para o presente. Unimo-nos na esperança de que o bem será sempre mais forte do que o mal. Por isso oramos:

Ó Cristo Ressuscitado que te revelaste aos discípulos quando partiste o pão em Emaús, o pão que partimos nesta mesa é um sinal de que o mundo todo está partido; dá que, ao partilharmos o Pão da Vida, nossos olhos estejam abertos e nossas mãos estendidas às necessidades de todo o povo. E ajudanos a caminhar juntos pelo mundo

com o Pão: o Pão da Esperança, o Pão da Vida, o Pão da Paz. Amém!

Dir.: Bênção Final

O Senhor esteja à tua frente para te mostrar o caminho certo: O Senhor esteja ao teu lado para te abraçar e proteger;

O Senhor esteja atrás de ti para evitar que os maus te armem ciladas;

O Senhor esteja junto de ti para te amparar quando tropeçares;

O Senhor esteja dentro de ti para te consolar quando estiveres triste;

O Senhor esteja acima de ti para abençoar-te.

Assim te abençoe e te proteja o Misericordioso, Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo que te envia agora para transformar o mundo em nome de Jesus. Amém!

(Oração de São Patrício, séc. V, adaptada)

Cântico Final: Bênção (6)

José Carlos de Souza

Notas

I. Material para a celebração: ervas amargas(almeirão); bolachas ou pão sírio; ovos cozidos; maçã e elementos da ceia.

II. Fontes dos cânticos:

(1)(2)(3)(4)(5): O NOVO CANTO DA TERRA Editora do Instituto Anglicano de Estudos Teológicos (IAET) São Paulo, Brasil. Editor: Jaci Maraschin.

Pedidos à ASTE,

Rego Freitas 530, sala F 13
CEP 01220-010 São Paulo -
Brasil. Fone: 257-5462 e Fax
256-9896.

(6): Mosaico Apoio Pastoral,
Abril 93 - 2, Partitura da "Bênção"

LITURGIA

PELAS SUAS PISADURAS FOMOS SARADOS:

A CELEBRAÇÃO DA RESSURREIÇÃO E A ORAÇÃO PELOS ENFERMOS

Mas Cristo veio pra nos remir,
o ser inteiro sem dividir.
Não só a alma do mal salvar,
também o corpo ressuscitar.
João Dias de Araújo (alt.)

As Escrituras afirmam de modo categórico os ministérios da cura, muitas vezes apenas compreendidos em uma dimensão espiritualizada. Os reformadores protestantes tiveram dificuldade em manter muitas das práticas e rituais de cura por causa da herança medieval contra a qual empenhados em lutar e, por outro lado, já estavam recebendo influências do iluminismo e, com ele, da ênfase na racionalidade. Em anos recentes tem havido uma renovada busca das raízes do culto cristão, além do contato com a prática de outras Igrejas, principalmente as de corte pentecostal, e que conservaram a seu modo a teologia da cura divina. Em muitas comunidades metodistas hoje há, durante o culto, um momento específico de intercessão pelas pessoas enfermas. Inclui tanto pessoas com problemas físicos como pessoas que não se sentem bem por estarem angustiadas, muitas delas enfrentando problemas pessoais ou familiares; outras com familiares enfermos e que buscam fortalecimento espiritual.

Em nosso Ritual de Celebração da Eucaristia, na versão mais antiga, há uma breve menção dos en-

fermos na Intercessão. A Intercessão, antes da Despedida, inclui essa parte do contexto das orações pela comunidade, pelo país, e pelo mundo. Na realidade essa Intercessão é continuidade do momento de Dedicção, quando as pessoas são convidadas a vir à frente e ajoelhar-se no altar, dedicar suas vidas, pedir o batismo ou ingresso na comunidade. Outras comunidades praticam a oração pelos enfermos no contexto da Confissão. Neste caso o pastor, após o ato específico da confissão dos pecados, geralmente acompanhado de um canto adequado, como um Kyrie Eleison (Senhor, tem piedade de nós), convida as pessoas que desejam uma oração específica a virem até o altar. As pessoas ajoelham-se no altar, e o pastor ora por elas havendo, muitas vezes, a imposição de mãos.

Em algumas comunidades, esse ministério é exercido semanalmente durante as reuniões de oração. Neste caso, geralmente são os parentes das pessoas enfermas que fazem pedidos de oração por elas. Nas formas mais eficientes desse ministério há um grupo de intercessores que durante a semana, em suas casas, continuará orando pelos pedidos feitos na reunião de oração. Essa é uma prática excelente, já que as pessoas enfermas, as que continuam enfermas durante um longo período, ou as que so-

frem de doenças incuráveis, bem como seus familiares, encontram ânimo e conforto pelo simples fato de serem lembrados pela comunidade. A atenção, o interesse e o amor cristão tornam-se gestos, ações concretas que ajudam o doente em sua recuperação. Alguém se importa! Isso ajuda a responder, na força da comunidade e do Espírito, a um dos desejos básicos da pessoa humana, que é receber do Autor da Vida a restauração de seu corpo.

Podemos, portanto, afirmar que a oração pelos enfermos é praticada em nossas igrejas. Entretanto, neste texto vamos nos limitar a comentar essa prática no contexto da Páscoa e da Celebração da Ceia do Senhor. Nestes contextos ela não é tão ocorrente, embora tanto a tradição litúrgica como a prática das igrejas metodistas no mundo a tenham conservado. Algum indício ainda permanece no ritual das igrejas metodistas no Brasil.

A cura do corpo era uma experiência comum nos primórdios da Igreja Cristã. No final da Eucaristia os fiéis se aproximavam do altar para receber a bênção e desejavam ser tocados pelas mãos do celebrante. A imposição das mãos e o levantar das mãos para a bênção eram gestos comuns. Os pastores compreendiam que tinham como missão tanto o pregar o Evangelho como o curar os enfermos e não se

furtavam a esse ministério.

A raiz da palavra cura, sozo no grego do Novo Testamento, é a mesma da palavra salvação e integridade. Cura é obra divina que oferece às pessoas harmonia, equilíbrio e integridade de corpo, mente, espírito e relações. Isso nos vem através da confissão, perdão e reconciliação. Através da cura Deus promove a nossa reconciliação com ele e com a humanidade, entre indivíduos e comunidade; no interior das pessoas e entre a humanidade e a própria criação. O Novo Testamento lembra-nos que Jesus mesmo curou o marginalizado e o doente e enviou seus discípulos a curar. São Tiago (5, 14-16a) exorta-nos a orar pelos enfermos e a ungi-los para que fossem curados. Toda cura é de Deus. Ela responde ao desejo básico que todo o ser humano tem de ter seu corpo restaurado, um corpo que revele a imagem de Deus. O ministério de cura da Igreja de Cristo não renega os dons de Deus provenientes dos medicamentos e dos tratamentos psicoterápicos. Não é substituto de nenhuma medicina ou o único modo de manter a saúde. É um meio de somar de modo integral todos esses recursos.

O ministério aos enfermos não é atividade mágica, mas se coloca à disposição do grande mistério do amor de Deus. Embora não possamos predizer o que ocorrerá nessa instância, muitas curas milagrosas têm ocorrido.

Deus não promete que seremos poupados do sofrimento, mas promete estar conosco em nossos sofrimentos. Credo nessa promessa, estaremos preparados e preparadas para reconhecer a presença e o sustento de Deus em meio à dor, doença, violência e marginalização.

Deus também não promete que seremos curados e curadas de todas as doenças, e sabemos que teremos, um dia, de enfrentar a morte. A oração e a ministração aos doentes não é um ritual de cura, mas sabemos que provê uma atmosfera na qual a cura pode ocorrer.

O culto é uma reunião de reconciliação entre o povo e seu Deus. É, na verdade, uma grande reunião de cura; e quando esse clima saudável existe no culto, curas físicas podem ocorrer, o equilíbrio mental e emocional é restaurado, a saúde espiritual é alcançada, relacionamentos são estabelecidos e restabelecidos.

Para a comunidade cristã o propósito fundamental da cura é renovar e fortificar o relacionamento com o Cristo ressuscitado, o Cristo vivo. Daí a importância de restabelecer essa prática durante a celebração da Páscoa e nos dias de celebração da Eucaristia.

Não é nossa intenção, neste texto, discutir ou sugerir a prática da unção dos enfermos. Isso demandaria estudos e pesquisas mais aprofundados, além de mais espaço. Sabemos que essa prática existe em comunidades metodistas, e que não temos, até agora, aqui no Brasil, nenhum ritual que dê orientação para esse gesto simbólico, ou estabeleça normativas para um ritual nessa linha. É possível que em breve isso ocorra.

Deixando de lado, pelo menos por enquanto, essa questão, valeria a pena refletir um pouco sobre a gênese desse gesto. Não a reflexão a partir da origem bíblica, histórica ou ainda da tradição da Igreja. Essa reflexão precisa, sem dúvida, ser feita. Por ora, refletimos simplesmente na origem afetiva que seriam talvez traços remanescentes

do antigo gesto da unção. Nessa direção, será que não nos poderíamos descobrir ministros e ministras da unção quando passamos um "óleo invisível", o "bálsamo suave", o "ungüento perfumado" em nossos queridos enfermos, quando, instintivamente, massageamos as mãos, a fronte, os ombros e costas das pessoas que queremos confortar? Isso também não ocorre quando beijamos ou "ungimos com nossa saliva" o machucado de nossas crianças?

Há, por certo, um desejo quase natural de tocarmos as pessoas em necessidade, principalmente quando nos pedem que oremos por elas.

Será que algum ou alguma de nós poderíamos reivindicar que a "graça" concedida na ordenação é parcial ou é apenas para a proclamação da Palavra? Será que nossa "separação consagratória" para a ministração dos sacramentos refere-se estritamente aos dois sacramentos institucionalizados e não para o ministério de "abençoar o povo"? Devem as mãos abençoadoras dos ministros e ministras de Deus permanecerem apenas levantadas? Será que elas não poderiam também serem abaixadas para o ministério do "toque" em alguém que está triste, deprimido, doente e moribundo?

Recursos litúrgicos

Há pouco material adequado para esse momento cúllico. Mesmo em outros contextos somente recentemente iniciou-se uma produção mais adequada de recursos litúrgicos para o ministério aos enfermos. Buscamos em várias fontes e colecionamos algum material que pode nos ajudar e servir como modelos para mais recursos. A Igreja Metodista Unida, nos Estados Unidos, produziu em 1992 um

excelente livro de auxílios litúrgicos. Na parte destinada à ministração aos enfermos (Healing services and Prayers) há desde orações por mulheres que sofreram aborto, por pessoas que estão se divorciando, por pessoas que sofrem a dependência de drogas, por pessoas com Aids e outras doenças graves até rituais de unção com óleo. Traduzimos e adaptamos alguns desses recursos, e esperamos que realmente ajudem o pastor e a pastora no ministério junto aos enfermos.

1. Cantos responsoriais para as intercessões:

"Tem piedade de nós, Senhor".
HE com Músicas,
(cantos litúrgicos)

"Ouve, Senhor, eu estou clamando". Mosaico "Kyrie Guarani", "Kyrie Guaicuru". Mosaico

2. Outros cantos de preparação:
"Oh! vem divino Criador"
(Veni Creator Spiritus).

O ritual deste cântico está no Ritual da Igreja Metodista, 1989 ou na coleção O Novo Canto da Terra (NCT) n. 76 "O Corpo". NCT n. 187

"Que estou fazendo se sou cristão?" NCT n. 160

"Senhor, eu preciso de Ti". HE 92

"Bendita hora de oração". HE 91

Litania de Intercessão:

C. Oh! Cristo, a quem Deus colocou como fundamento da nossa esperança e garantia de nossa ressurreição, nós te louvamos e te glorificamos.

P. Senhor, escuta nossa oração.

C. Jesus, que por tua ressurreição entraste na presença de Deus;

P. Leva-nos contigo ao Reino do Pai.

C. Tu, que pela ressurreição tornaste fortes na fé os teus discípulos e os enviaste a anunciar o Evangelho;

P. Faz que todo teu povo seja fiel testemunha do Evangelho.

C. Tu, que pela ressurreição és nossa reconciliação e nossa paz;

P. Faz que todos os que te seguem vivam na unidade de uma só fé e de um só amor.

C. Tu, que pela ressurreição deste saúde ao paralítico no templo;

P. Olha com bondade os enfermos e manifesta nele teu poder.

C. Tu, que pela ressurreição abriste o Reino eterno aos mortais e que mostras que, nesta terra, a paz, a injustiça e a verdade são possíveis;

P. Livra-nos da omissão de cruzarmos nossos braços frente ao mal.

C. Tu, que pela ressurreição asseguras a vida eterna, pois foste constituído primogênito dentre os mortos que ressuscitam;

P. Faz com que todos os que morrem, e todas as que morrem em ti, e que em ti tiveram sua esperança, participem de tua glória.

C e P. Senhor, nós te pedimos que os dons recebidos nesta celebração (de Páscoa, de Ceia) dêem fruto abundante em nossa vida. Por Jesus Cristo, nosso Senhor, Amém.

Orações

A. Ah! Deus, tu és o consolador dos doloridos de coração, o médico das nações, o reparador de nossos quebrantamentos. Contempla com tua misericórdia, assim te rogamos, os conflitos do mundo e as divisões de tua Igreja e estende sobre nós tua mão curadora. Atrai todas as pessoas a ti e que, pelos laços de teu amor, elas se atraiam

mutuamente. Faz visível a unidade de tua Igreja e enche-a de teu Santo Espírito para que possa cumprir sua tarefa de reconciliar o mundo em uma grande família na qual floresçam a justiça e a misericórdia, a fé, a verdade e a liberdade: e onde tu sejas louvado e glorificado para sempre; por nosso Senhor Jesus Cristo, Amém.

B. Deus de poder, que cuidas de nós com carinho paternal e maternal, apresentamos diante de ti as necessidades e desesperanças de todas as pessoas quebrantadas pela violência e pela fome. Ajuda aos que estão trabalhando para minorar seus sofrimentos. Sustém-nos na tarefa de lutar por uma vida mais humana e saudável. Apressa a chegada do dia em que todo o mal, toda enfermidade, todo ódio e loucura tenham sido substituídos pela obediência à tua santa vontade; por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

C. Ajuda, nosso Deus, as pessoas que, pela idade ou estado de enfermidade, por cansaço ou pobreza, não estão em condições de fazer frente às exigências da vida; alivia suas ansiedades, dá-lhes amigos e amigas que as ajudem a entender tua vontade quando mudam as circunstâncias; ajuda-as a alegrarem-se em teu amor ainda que em meio a dificuldades; por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

D. Deus altíssimo e eterno, que podes retirar toda a aflição, que restauras tanto nosso corpo como o íntimo de nossas almas, manifesta teu poder sobre estas pessoas em necessidade, para que, por tua misericórdia, elas possam ser recuperadas e assim, servir-te com disposição, alegria e santidade de vida, por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Recursos para a celebração da Ceia do Senhor com ministração

aos enfermos

A. (O pastor ou pastora poderá orar com as mãos erguidas)

Santo és tu, ó Deus de misericórdia, e bendito é teu Filho Jesus Cristo:

aquele que viveu entre nós e conheceu a dor e o sofrimento humano;

aquele que chamou a todas e todos que estavam cansados e oprimidos e os aliviou;

aquele que curou o doente, alimentou o faminto e comeu com os pecadores;

aquele que expulsou demônios e nos mostrou o caminho para Ti por meio da fé;

aquele que levou sobre si mesmo os nosso sofrimentos, de tal modo que podemos ser purificados e purificadas de nossos pecados e receber a vida eterna.

Pelo batismo de seu próprio sofrimento, morte e ressurreição, tu fizeste nascer a Igreja, liberta-nos da escravidão do pecado e morte e faz conosco uma nova aliança pela água e pelo Espírito.

B. (O pastor ou pastora, que podem estar acompanhados de pessoas que compõem o ministério da intercessão, impondo as mãos so-

bre cada pessoa cujo nome é mencionado diz, usando estas ou palavras similares):

Eu imponho minhas mãos sobre ti em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo para (menciona-se especificamente o propósito).

Que o poder da presença misericordiosa de Deus te cure de toda tua enfermidade de corpo, mente, espírito e relacionamentos para que possas servir a Deus com amor e alegria. No nome de Jesus, o Cristo, nosso Salvador e Reparador. Amém.

C. (Se o ato com imposição de mãos for feito em silêncio, esta oração, após o mesmo, será apropriada):

Deus de poder, nós oramos por estes irmãos e irmãs (ou estas pessoas) e te pedimos que elas possam ser confortadas em seu sofrimento e restauradas em sua integridade. Quando tiverem medo, dá-lhes coragem; quando estiverem fracas, dá-lhes tua força; quando estiverem aflitas, infunde-lhes paciência; quando estiverem perdidas, oferece-lhes esperança; quando estiverem sós, move-nos para que fiquemos a seu lado. No nome de Jesus o Amigo e Salvador. Amém.

Bênção:

O Senhor que te cura de todo o mal, te abençoe e te guarde; o rosto do Senhor que te cura de todas as aflições, resplandeça sobre ti e seja gracioso para contigo; a luz da graça do Senhor que redime a tua vida, se levante sobre ti e te dê a paz. Amém.

Um cântico

Salmo 30 (texto e partitura)

Bibliografia

DICIONÁRIO DE LITURGIA. São Paulo, Paulinas, 1992

MACLEOD. George F. The Place of Healing in the Ministry of the Church, Glasgow, Iona Community, s.d.

CMI. Healing and Wholeness: The Churches Role in Health. Geneva, 1990

THE UNITED METHODIST BOOK OF WORSHIP. Nashville, The U.M. Publishing House, 1993.

Simeio Monteiro

SEMANA WESLEYANA

A Faculdade de Teologia da Igreja Metodista convida a todos para participarem da 44ª Semana Wesleyana, nos dias 23 a 26 de maio. Será conferencista o Dr. Duncan Alexander Reily, conhecido missionário, pastor e professor da história da Igreja, cuja contribuição para o aprofundamento dos estudos sobre metodismo é unanimemente reconhecida. O tema geral da Semana

é: "Wesley e a sua Bíblia".

O Revmo. Bispo Néilson Luiz de Campos Leite será o pregador oficial nas liturgias que antecedem as atividades. Durante as tardes, vídeos relacionados à história do movimento metodista não somente serão exibidos como orientarão a apresentação e o debate dos subtemas: Wesley e o Moravianos; O Pensamento Social de Wesley

e a Atualidade da Teologia Wesleyana. Lançamento de livros, atividades culturais e uma conferência aberta sobre a nova edição dos Sermões de Wesley completam a programação prevista para essa semana.

Enfim, trata-se de uma oportunidade única para refletirmos, com a seriedade exigida pelo momento atual, sobre a nossa herança teológica.

CAMINHO DE EMAÚS

Simeí Monteiro

Ca - mi-nho de E - ma - ús, ca - mi-nho de tan - ta gen - te
 que com - par - ti - lha tris - te - zas, dú - vi - das e in - cer - te - zas. - Um
 so - nho que se des - faz; a mor - te cor - tan - do a vi - da, um
 mo - do de se che - gar. dis - tân - cia não per - cor - ri - da.

1. Caminho de Emaús,
 caminho que tanta gente
 que compartilha tristezas,
 dúvidas e incertezas.
 Um sonho que se desfaz;
 a morte cortando a vida.
 Um modo de se chegar,
 distância não percorrida.

2. Caminho de Emaús,
 caminho do nosso encontro,
 onde juntamos andanças,
 crenças e esperanças.
 A bênção de amor e paz,
 na frase que nos anima,
 um gesto de amigo certo
 na tarde que já declina.

3. Caminho de Emaús,
 caminho de um novo dia;
 que anuncia eventos,
 belos e bons momentos.
 Ficamos juntos e amigos
 comendo do mesmo pão,
 e o Cristo que está conosco
 celebra a ressurreição.

SALMO 30

Simeí Monteiro

O cho - ro po - de du - rar u - ma noi - te in - tei -
 ra, mas a a - le - gri - a vem pe - la ma - nhã.
 1. Eu te e - xal - ta - rei ó Deus. Por - que
 tu me li - ber - tas - te: con - ver - tes - te o meu pran - to em fol -

2. Eu te exaltarei, ó Deus, porque tu me protegeste,
 quando muitos me humilhavam e zombavam do que fiz.

3. Eu te exaltarei, ó Deus, porque tu me socorraste,
 quando estava enfermo e triste e com tanta precisão

4. Ouve, ó Deus, o meu clamor, que eu ergo com esperança.
 Quero agradecer, agora, tua grande compaixão